

12-07-2021

Um Sol Vermelho no Horizonte

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutorando em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Ao final da tarde avistava caminhões, com suas cargas altas e meio retorcidas pareciam ter o desejo de deitar, não suportavam o peso das sacas de carvão sobre a carroceria. Outros carregam as partes das árvores que foram mortas/amputação ecológica – que ao fim vão virar carvão em siderurgias. Na mesma tarde, quando a seca avança e o calor toma conta no Cerrado, não apenas os caminhões marcam essa paisagem. O carvão que vai nas costas desses caminhões deixa a fumaça para trás.

O sol vermelho no horizonte perde sua força, nos permite fixar o olhar. Sua luz perde-se em tantos reflexos de fuligem, deixa o amarelo que nos arde os olhos e passa a ter um tom vermelho, consequência das queimadas.

A fumaça no cerrado é tão forte que domina até o maior astro e impede sua luz de chegar – espetáculo fraudulento. Se o caminhão se vai, a fumaça fica! E para aqueles que dependiam das árvores tortuosas para se alimentar, para se proteger? A paisagem vai ficando cinza e quanto mais caminhões, menos possibilidade de o verde prosperar.

Para o churrasco de hoje, talvez utilizemos o carvão de árvores queimadas do cerrado, preparado em pequenas carvoarias perdidas neste sertão, que exploram a força de trabalho familiar: crianças, homens e mulheres tingidos pela fuligem, perdidos na fumaça dos fornos – suas mãos estão marcadas pelo calor, queimadas e embrutecidas pelo trabalho informal. No passado e no presente – de passar boiadas – acredita-se que a retirada da vegetação e queima faz aumentar as águas dos rios e riachos – pois não tem árvores para tomar a água do solo.

Os caboclos mais espertos, os vazanteiros e geraizeiros; ribeirinhos, indígenas e quilombolas, os cerradeiros não tem dúvida, o Cerrado em pé que é vida, água em abundância. Cerrado esquecido na constituição, não é área prioritária para conservação. Quando os senhores do agronegócio contratam um camponês/cerradeiro para trabalhar no feitiço do tal desenvolvimento – exploram e matam duas ou mais vezes: fazem homens e mulheres entrarem em conflito com sua existência e origens – as plantas que antes ofereciam chás/remédio e comida, agora são restos cortados/queimados. Às vezes, para fugir da incipiente fiscalização, abrem buracos e as esteiras ao longo da noite empurram as árvores para dentro da terra.

O Cerrado, floresta de cabeça para baixo, estupidamente é mergulhado e morre sufocado.

Cada árvore cortada é por vezes queimada, invoca agonia de homens/mulheres e bichos. Devasta-se com a justificativa de produzir alimentos, mas os alimentos não chegam aos pratos dos brasileiros pobres – no Cerrado ou Mata Atlântica. Árvores derrubadas que fazem os geraizeiros migrar, derruba a fonte de vida e alimentação, substitui-se por “estéreis” eucaliptos que não dão frutos/não alimentam – mas dizem trazer desenvolvimento. Por vezes, os solos tornam-se frágeis, sem a proteção de tortuosas árvores de profundas raízes, são carreados e os leitos de rios perdem sua majestade, secam, a vida se afasta. No lastro do tal desenvolvimento, os buritis, senhores das águas em suas zonas permanentes úmidas que pulsam fertilidade são afogados pelas barragens.

Quando não queimados e destruídos.

Palmeiras que demoram 200 anos para chegar à vida adulta e que o único pecado é fornecer água para a vida.

A morte dos buritis é a morte dos rios. Às vezes dizem que a queimada é natural ou provocada pelas populações que vivem no Cerrado, mentiras! São ações combinadas para passar a boiada, árvores tombam e a braquiária “naturalmente” surge na paisagem! As estradas que cortam o cerrado viram zonas de sacrifício, os bichos correm para o asfalto para “procurar abrigo” são atropelados e mortos, os acostamentos viram cemitérios de tamanduás e outros animais. O Cerrado pede socorro...

Os voos das araras agora são mais longos, uma gritaria urbana, as palmeiras estão distantes, foram sacudidas pelas queimadas para plantar. Os rasantes dos tucanos são mais anunciados, faltam árvores e seus longos bicos miram em árvores cada vez mais afastadas.

Mas o Cerrado teima, revigora...

Basta as primeiras chuvas para o verde brotar, as cores mudam. O cuidado faz a pulsante vegetação regenerar.

As sementes se aproveitam do calor do fogo e passam a desabrochar, novas árvores, novo ciclo.

Os cerradeiros precisam do Cerrado e este precisa dos homens/mulheres para lhe proteger. Essa simbiose só é possível fora do sistema que nos ofende/escraviza/mata. Nossa resistência é socioambiental, ofertando a vida para vida/abundante/saudável. Quando avistares um caminhão carregado de lenha ou carvão, cansado e querendo tombar, lembre-se, ali vai a vida/ensacada, apartada e amordaçada. Para trás deixou um rastro de destruição, permitiu a exploração de homens e mulheres em carvoarias e tirou o sustento das famílias coletoras.

Levou o abrigo dos bichos e deixou a promessa da seca.

Vão dizer que é desenvolvimento, não acredite.

É na realidade mais fome e injustiça, seca e tristeza.

“A ausência do Cerrado, é escassez de água e carência de vida”.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.